



**CÂMARA DOS DEPUTADOS**  
DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO  
4ª SESSÃO LEGISLATIVA ORDINÁRIA DA 55ª LEGISLATURA  
**250ª SESSÃO**  
**(SESSÃO NÃO DELIBERATIVA SOLENE)**

Em 29 de Novembro de 2018  
(Quinta-Feira)

Às 9 horas e 5 minutos

**ABERTURA DA SESSÃO**

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - Sob a proteção de Nosso Senhor e em nome do povo brasileiro iniciamos os nossos trabalhos.

**LEITURA DA ATA**

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - Fica dispensada a leitura da ata da sessão anterior.

**EXPEDIENTE**

**(Não há expediente a ser lido.)**

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - Passa-se à

**HOMENAGEM**

Esta sessão se destina à entrega do Diploma Mulher-Cidadã Carlota Pereira de Queirós 2018.

Convido para compor a Mesa a Deputada Benedita da Silva, a Deputada Zenaide Maia, a Deputada Carmen Zanotto e a Deputada Keiko Ota.

Convido todos e todas para, em posição de respeito, ouvir o Hino Nacional brasileiro, interpretado pela cantora Marina Andrade.

*(É entoado o Hino Nacional.) (Palmas.)*

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - Quero convidar todos para assistir conosco o vídeo institucional.

Já convido o Deputado Fábio Ramalho, Vice-Presidente desta Casa, para em seguida fazer a leitura do discurso do Presidente Rodrigo Maia.

*(Exibição de vídeo.) (Palmas.)*

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - Vou explicar a agilização que estamos fazendo aqui. A Deputada Zenaide Maia, que fez a indicação do Diploma Mulher-Cidadã Carlota Pereira de Queirós à Alzira Teixeira Soriano, *in memoriam*, tem um voo agora e precisa sair muito rápido daqui, porque só há um voo durante o dia.

Então, estamos tentando agilizar ao máximo, mas aqueles que estão se inscrevendo falarão ao final, inclusive a nossa fala também vai ficar para o final para que ninguém tenha prejuízo.

Quero agradecer ainda a presença do Sr. Marco Aurélio Buzzi, Ministro do Superior Tribunal de Justiça; do Sr. Gabriel Faria Oliveira, Defensor Público-Geral Federal da Defensoria Pública da União; do Sr. Surasak Suparat, Embaixador da Tailândia; da Sra. Tânia Mara Ribas, Assessora da Governadoria, representando a Governadora Cida Borghetti, do Governo do Estado do Paraná; e da Sra. Irene Rodrigues Oliveira, Assessora de Gabinete da Governadora do Paraná.

Tem a palavra o Deputado Fábio Ramalho, para fazer a leitura do discurso do Presidente da Casa.

**O SR. FÁBIO RAMALHO** (MDB - MG) - "Sra. Presidente Ana Perugini, Deputada Benedita da Silva, Deputada Zenaide Maia, Deputada Carmen Zanotto, Deputada Keiko Ota e senhoras e senhores, quero, antes de mais nada, saudar a iniciativa da Deputada Laura Carneiro, autora do projeto que instituiu o Diploma Mulher-Cidadã Carlota Pereira de Queirós, em 2003, e autora da emenda que conferiu a competência de distribuí-lo à Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher, em 2016.

A cada ano, os membros daquela Comissão escolhem cinco mulheres que se destacaram na promoção do pleno exercício da cidadania e na defesa dos direitos da mulher. Com isso, a Câmara dos Deputados atesta a sua sensibilidade em relação às questões de gênero, fomentando o debate que muito contribui para o aperfeiçoamento da nossa democracia.

As cinco agraciadas deste ano são:

Luísa Alzira Teixeira Soriano, que disputou, em 1928, aos 32 anos de idade, as eleições para a Prefeitura de Lajes, Município no interior do Rio Grande do Norte, vencendo o pleito com 60% dos votos e tornando-se, assim, a primeira mulher da América Latina a assumir um governo municipal.

Ana Cristina Ferro Blasi, Juíza do Tribunal Regional Eleitoral do Estado de Santa Catarina, responsável pela campanha *Mulheres na Política - Elas Podem. O País Precisa*, que tem o objetivo de promover uma maior participação feminina na vida pública.

Marielle Franco, Vereadora da cidade do Rio de Janeiro, brutalmente executada em crime até hoje não elucidado e que se tornou, por esta razão, símbolo mundial da luta em defesa dos direitos humanos e contra o crime organizado.

Mônica Spada e Sousa, filha do cartunista Mauricio de Sousa e inspiração para a criação de uma de suas personagens mais famosas, a Mônica, que estreou em uma tirinha no jornal *Folha de São Paulo* no dia 3 de março de 1963.

Renata Gil de Alcântara Videira, primeira mulher a presidir a Associação dos Magistrados do Estado do Rio de Janeiro e Vice-Presidente da Associação dos Magistrados Brasileiros, responsável pela organização do importante Prêmio Patrícia Acioli de Direitos Humanos.

Senhoras e senhores, a história da participação efetiva das mulheres na política no Brasil teve início com o direito ao voto feminino, em 1932. No ano seguinte, a médica e pedagoga paulista Carlota Pereira de Queirós conquistou uma vaga na Assembleia Nacional Constituinte e, após a promulgação da nova Carta, em 1934, elegeu-se novamente, exercendo seu mandato até a decretação do Estado Novo, em 1937.

Transcorridos 86 anos deste marco histórico, muita coisa mudou no Brasil e no mundo. É cada vez maior e mais significativa a presença feminina em todos os setores da vida nacional, mas a composição desta Casa e do Senado Federal ainda não reflete o peso e a importância das mulheres na sociedade brasileira.

Nas últimas eleições, 77 mulheres conquistaram uma cadeira na Câmara dos Deputados, o que representa 15% das 513 vagas deste colegiado. É um discreto avanço em relação à atual legislatura, que conta com 53 Deputadas.

Mesmo com este incremento, ainda estamos longe de países como a Argentina, em que as mulheres ocupam 39% das cadeiras na Câmara e 42% no Senado; Estados Unidos, que têm 30% e 23%; e até mesmo Afeganistão, onde 28% da Câmara e 26% do Senado é composto por mulheres.

Mas, embora as bancadas femininas nesta Casa e no Senado Federal não sejam tão grandes quanto gostaríamos, nossas queridas Parlamentares têm sido extremamente atuantes e aguerridas na defesa das causas ligadas às questões de gênero, ocupando a vanguarda desta luta entre nós.

Quero, pois, reverenciar a memória de Alzira Soriano Teixeira e de Marielle Franco e saudar as outras três agraciadas com o Diploma Mulher-Cidadã Carlota Pereira de Queirós — Ana Cristina Ferro Blasi, Mônica Spada e Sousa e Renata Gil de Alcântara Videira. Esperamos que esta premiação contribua para divulgar ainda mais o importante trabalho que realizam.

Que suas trajetórias iluminem o caminho de muitas gerações de mulheres brasileiras.

São os meus votos, em nome da Câmara Federal".

Parabéns a todas.

Sejam todos muito bem-vindos. (*Palmas.*)

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - Eu convido a Deputada Jandira Feghali para que componha a Mesa conosco. (*Palmas.*)

Vamos passar agora à entrega dos prêmios.

Obrigada, Deputado Fabinho, pela leitura do discurso do Presidente.

Convido agora a Deputada Zenaide Maia para realizar a entrega do Diploma Mulher-Cidadã Carlota Pereira de Queirós à Alzira Teixeira Soriano, *in memoriam*, primeira Prefeita eleita no Brasil e na América Latina, neste ato representada pelo seu sobrinho José Flávio Teixeira de Vasconcelos e pelo seu neto Ricardo Antonio Soriano Mota, que fará o uso da palavra na sequência.

(*Procede-se à condecoração.*) (*Palmas.*)

Com a palavra o Sr. Ricardo Antonio Soriano Mota, que está representando a Sra. Alzira Teixeira Soriano.

**O SR. RICARDO ANTONIO SORIANO MOTA** - Bom dia.

O meu nome vocês já sabem.

Eu sou um homem de 80 anos. Parodiando minha netinha, que diz que tem 10 anos e meio, eu tenho 80 anos e meio.

Sou nascido no Rio de Janeiro, meu pai é alagoano, minha mãe é do Rio Grande do Norte, e tenho irmão paraense. Portanto, somos a maior expressão do povo brasileiro, um de cada canto, como todos que estamos aqui.

Vou parodiar outro camarada que admiro muito: Winston Churchill. Quando seu país foi atacado, ele disse que lutariam nas praias, nas montanhas, mas nunca se renderiam, e foi pedir ajuda ao país economicamente forte, os Estados Unidos da América do Norte. Na Câmara dos Deputados de lá, começou o discurso dizendo que a mãe dele era americana e o pai era inglês e que, se não fosse assim, ele estaria lá por ele mesmo, porque o pai seria americano, e ele seria Deputado nos Estados Unidos. Vou dizer, parodiando ele, como disse, se eu tivesse seguido os conselhos de vovó, a qual chamávamos de Veia Ziroca, eu estaria aqui por mim mesmo, porque ela queria que eu fosse político.

Eu não sou político. Sou um brasileiro humilde, simples, trabalhador. Mas ela me apresentou ao então Presidente Café Filho, do Rio Grande do Norte e me levou à fazenda dele. Para a minha surpresa — eu achei que era um baita fazendão —, ele tinha quatro vaquinhas, um pouquinho de plantação de algodão e era um homem muito simples. Acho que é isto que falta no País agora: muita simplicidade.

Vovó Alzira Soriano, a quem vocês estão homenageando — agradeço à Deputada, atualmente Senadora —, era uma mulher de uma garra terrível. Eu aprendi a ler na escola que ela implantou dentro da fazenda de algodão dela.

Eu devia ter uns 6 ou 7 anos, lembro que ela começou a aula e me apresentou aos outros alunos. Dentro da fazenda, ela implantou uma escola. Quem quisesse trabalhar na fazenda tinha que mandar os filhos para a escola em que ela era a professora.

Eu, como moleque que ainda sou até hoje, não estava prestando atenção na aula. Estava olhando as vacas no curral, e ela me perguntou qualquer coisa, que eu não lembro o que era, e eu não sabia, obviamente. Ela disse: "*Venha cá, meu menino*". Fui até o lado da mesa dela, ela abriu uma gaveta, tirou um instrumento que hoje se chama palmatória e me meteu a palmatória. Desse dia em diante, eu sabia quantas vezes ela piscava na aula e aprendi a ler e escrever, contar, tudo em 2 meses. Essa era a minha avó.

Com isso, eu encerro as minhas palavras, agradecendo muito de coração.

Desculpe-me se eu me emociono quando falo dela. (*O orador se emociona.*)

A vocês todos muito obrigado. (*Palmas.*)

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - Seria muito bom tê-lo como orador aqui durante todas as sessões de Plenário, Sr. Ricardo Antonio Soriano, que não quis ser político e é um homem trabalhador. Há muitos trabalhadores e trabalhadoras também nesta Casa. Só há sentido vir para cá porque se tem uma história de vida. Se não se tem uma história de vida, não há sentido.

Eu quero convidar ainda a Sra. Andreza Colatto, Secretária Nacional de Políticas para Mulheres, para compor a Mesa também.

Convido agora a Deputada Carmen Zanotto para realizar a entrega do Diploma Mulher-Cidadã Carlota Pereira de Queirós à Sra. Ana Cristina Ferro Blasi, que foi Juíza do Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina e responsável pela campanha *Mulheres na Política - Elas Podem. O País Precisa*.

*(Procede-se à condecoração.) (Palmas.)*

Com a palavra a Sra. Ana Cristina Ferro Blasi.

**A SRA. ANA CRISTINA FERRO BLASI** - Exma. Sra. Deputada Federal Ana Perugini, requerente e Presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Câmara dos Deputados, Exma. Sra. Deputada Benedita da Silva, Exma. Sra. Deputada Zenaide Maia, Exma. Sra. Deputada Federal Carmen Zanotto, Exma. Sra. Deputada Keiko Ota, Sra. Deputada Jandira Feghali, Sra. Andreza Colatto, saúdo todas presentes na Mesa de honra desta solenidade.

Gostaria de saudar o Ministro Marco Aurélio Buzzi, do STJ, que nos prestigia com a sua presença, e o Dr. Davidson Jahn Mello, que, neste ato, representa o Ministro Jorge Mussi.

*"(...) Alô? Vocês podem me ouvir? Vocês estão prontos para sacudir o mundo? Hoje começa a luta pelo direito de sermos livres, de sermos quem somos, de sermos iguais, de saber que não temos medo, que não estamos sozinhas, que não haveremos de retroceder, que há poder na nossa união e que nenhuma pressão impedirá a verdadeira solidariedade (...)."*

Esse é um trecho do discurso que a Madonna fez na Marcha das Mulheres que se realizou em Washington no ano passado. Chimamanda Adichie usou seu TED Talk de 2012, denominado *Nós deveríamos todos ser feministas*, para lembrar que a luta por igualdade é global e beneficiará todo gênero, país e raça. Disse a escritora que nós ensinamos às garotas a vergonha. *"Fechem as pernas!" "Cubram-se!"* Nós as fazemos se sentirem culpadas por serem mulheres. E as meninas crescem e se transformam em mulheres que não sabem quais são os seus desejos. Elas crescem para ser mulheres que silenciam a si mesmas. Elas crescem para ser mulheres que não dizem o que realmente pensam. E elas crescem. É isso o que fazemos de pior às garotas.

Sra. Presidente, Deputada Ana Perugini, elas crescem para ser mulheres que aceitam um tratamento doentio por parte de outra pessoa. Simone de Beauvoir publicou a obra icônica *O Segundo Sexo*, em que identifica a mulher como não sujeito: mulher é o outro, o segundo, o segundo sexo.

Em algum momento das nossas vidas, nós vamos nos perguntar: *"O que é ser mulher?"* Eu, de minha parte, acredito que ser mulher nos dias de hoje e o seu verdadeiro poder é aquele que não pode ser tirado de nós. Não é a aparência, não é o dinheiro, não é a fama; é quando a personalidade serve à alma, quando servimos ao nosso propósito, quando alinhamos o que nos tornamos neste mundo o que viemos fazer aqui e quando servimos à nossa alma.

Ser indicada para receber o honroso prêmio *Diploma Mulher Cidadã Carlota Pereira de Queirós* fez-me sentir alinhada à minha alma, fez-me sentir a importância de termos voz e de darmos voz a todas aquelas que lutam pela igualdade de gênero e pela garantia da sua presença em espaços de poder, seja dentro de suas casas, de suas comunidades ou dentro das Casas Parlamentares. Fez-me sentir grande para prosseguir lutando por melhores condições e melhores colocações para as mulheres brasileiras.

Não posso terminar, Deputada, sem agradecer a todas, especialmente à Deputada Carmen Zanotto, que me indicou, e sem dizer que estar acompanhada de Alzira Soriano, Mônica Spada, Renata Gil e Marielle Franco é, sem dúvida nenhuma, um grande privilégio e uma enorme responsabilidade.

Marielle, de quem eu faço o registro, foi covardemente assassinada, mas nos deixou um excepcional legado de 14 meses como Vereadora, 19 anos como mãe e quase 40 anos como uma voz inconformada contra a violência à sua volta, além de demonstrar que a existência da democracia depende de que a participação política das mulheres seja assegurada.

Muito obrigada. *(Palmas.)*

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - Eu convido o Deputado Chico D'Angelo e as Deputadas Erika Kokay, Benedita da Silva, Jô Moraes, Luizianne Lins, Margarida Salomão, Maria do Rosário e Jandira Feghali para realizar a entrega do Diploma Mulher Cidadã Carlota Pereira de Queirós a Marielle Franco, *in memoriam*, socióloga, feminista e defensora dos direitos humanos. Foi eleita, em 2016, Vereadora na cidade do Rio de Janeiro.

Neste ato, ela é representada por sua mãe, Marinete da Silva, e por seu pai, Antônio Francisco da Silva Neto.

*(Procede-se à condecoração.) (Palmas.)*

**A SRA. JANDIRA FEGHALI** (PCdoB - RJ) - Hoje...

*(Manifestação dos convidados: e sempre)*

**A SRA. JANDIRA FEGHALI** (PCdoB - RJ) - Marielle...

*(Manifestação dos convidados: presente.)*

**A SRA. JANDIRA FEGHALI** (PCdoB - RJ) - Hoje...

*(Manifestação dos convidados: e sempre!)*

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - Concedo a palavra à Sra. Marinete da Silva para o seu pronunciamento.

**A SRA. MARINETE DA SILVA** (Sem revisão da oradora.) - Bom dia a todos e a todas. Quero saudar as Deputadas Jandira Feghali e Benedita da Silva por essa indicação. É uma honra também participar de um prêmio desses em memória da minha filha, que representa hoje um símbolo. Marielle foi uma liderança desde muito cedo, e logicamente este aqui não seria o meu lugar de fala, talvez ela fizesse muito melhor do que eu, mas é com muita honra e com muita dor também que ocupamos esses espaços para falar um pouco dessa mulher, dessa líder, de uma menina que começou cedo a sua história de vida, mas que infelizmente foi tirada do nosso convívio cedo também. Mas esse é um legado que temos que levar.

A Marielle hoje simboliza toda uma classe política que fez a diferença. A política da minha filha era uma política de muito afeto, e hoje entendo até um pouco melhor o que aconteceu: foi porque ela fez a diferença, uma mulher de periferia, negra, que veio da Favela da Maré — toda a nossa história começou ali. E, nesse período, desde muito cedo, ela já conseguia liderar. Trabalhou cedo, foi estagiária muito cedo, aos 11 anos, casou-se cedo e foi mãe cedo demais. Não digo que ela deu uma atropelada, mas a história dela começou assim. Também liderou como defensora dos direitos humanos e como ativista por 10 anos na Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania, no Rio de Janeiro, com o Marcelo Freixo. Então, é essa a história que viemos contar para refletir por que aconteceu uma tragédia tão grande com a Marielle.

Mas é um prazer também estar liderando com essa voz, levando a voz da Marielle cada vez mais longe, levando esse incentivo, esse empoderamento das mulheres, aquela negra que chegou naquele poder legitimamente, chegou com 46.502 votos no primeiro mandato. Então, é uma satisfação também que isso seja levado, que isso seja clamado cada vez mais para que haja justiça, que é o que queremos. Até agora não temos nenhum indício de quem foi, mas precisa haver uma resposta para mim, como mãe, para o Brasil e para a sociedade.

Espero que ela seja cada vez mais aclamada e respeitada em sua memória, levando essa história cada vez mais longe e que possa servir de reflexão uma mulher negra chegar aonde chegou de uma maneira tão brilhante. Mas infelizmente a sua vida também foi ceifada de maneira tão trágica.

Então, essa é a história da Marielle. Eu agradeço a todos, agradeço esse espaço que nos foi dado para honrar o nome da minha filha cada vez mais e por continuar com: Marielle presente, hoje e sempre!

Obrigada. *(Palmas.)*

*(Manifestação dos convidados: Marielle presente; Marielle presente; hoje e sempre; hoje e sempre!)*

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - Convido a Deputada Keiko Ota para realizar a entrega do Diploma Mulher-Cidadã Carlota Pereira de Queirós 2018 à Mônica Spada e Sousa, Diretora-Executiva da Mauricio de Sousa Produções. Ela lançou o Projeto Donas da Rua, em parceria com a ONU Mulheres, para estimular o empoderamento e a igualdade de oportunidades.

*(Procede-se à condecoração.) (Palmas.)*

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - Concedo a palavra à Sra. Mônica Spada e Sousa.

**A SRA. MÔNICA SPADA E SOUSA** (Sem revisão da oradora.) - Bom dia a todos e a todas. É uma honra estar aqui com mulheres tão importantes na nossa história e que fazem a nossa história até hoje.

Agradeço à Deputada Keiko Ota pela indicação à Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Câmara dos Deputados pela concessão do Diploma Mulher-Cidadã Carlota Pereira de Queirós.

Eu estou muito emocionada, mas fico muito feliz também em sermos reconhecidos pelo trabalho do Mauricio de Sousa, meu pai, que colocou uma personagem feminina nos anos 60. Não sei se vocês sabem, mas a maioria dos personagens que existia eram personagens masculinos: Cebolinha, Cascão, Chico Bento, Horácio, Astronauta. A Mônica entrou em uma tira do Cebolinha em 1963 e já mostrou que era poderosa. Ela deu uma bela coelhada, que hoje não usa mais, mas ela deu uma bela coelhada no Cebolinha e assumiu a liderança desde então de meninas empoderadas.

Reconheço a importância das nossas histórias. Nós temos alfabetizado gerações e gerações de crianças, e as nossas histórias são sempre otimistas, com respeito às diferenças. Há personagens de todas as raças, gêneros e condições, e mesmo assim eles se resolvem, eles tratam as crianças como crianças.

Mas, quando fizemos uma associação com a ONU Mulheres e começamos a participar das palestras deles, soubemos que as meninas, a partir dos 6 anos, se consideram menos do que os meninos. Por quê? Porque quem conta a história são os homens, e não as mulheres. Então, as mulheres importantes da história deixam de existir. As meninas, a partir dessa idade, acham que os homens têm mais condições do que elas, porque elas veem pilotos de avião, Presidente da República, Senadores, Deputados, e não é contado para elas sobre as mulheres. Olhem quantas mulheres temos aqui contando a história desde quase 1930. E essas meninas não conhecem essas histórias.

Então, a partir disso, a Mauricio de Sousa Produções criou o Projeto Donas da Rua. O que fazemos? Contamos para as meninas a história de mulheres empoderadas. Sabemos que as meninas têm condições de serem iguais aos meninos e de terem os mesmos objetivos de vida. Então, temos que contar isso para elas através das historinhas da *Turma da Mônica*, já que temos uma menina empoderada desde 1960. Ela já era briguenta nessa fase.

Portanto, vamos cada vez mais comunicar, a partir das nossas revistas, das nossas histórias, dos nossos desenhos animados, o empoderamento das meninas para que elas e eles tenham os mesmos direitos e os mesmos objetivos.

Eu queria agradecer de novo por estar aqui falando do projeto.

Conversei com a mãe da Marielle, que me contou sobre a infância da Marielle, que foi empoderada desde criança, desde os 11 anos, e é a mesma coisa com a outra filha. Agora ela tem duas netas que também são empoderadas.

Então, precisamos cada vez mais de exemplos de mulheres que fizeram a história, que mudaram a história e que servem de exemplo, como a Deputada Keiko Ota, que também é uma mulher fascinante, que lutou, depois de tudo que aconteceu com ela, para um mundo melhor, mais igualitário. Estamos aí para isso, para mostrar para as meninas e para os meninos que o mundo pode ser mais igual.

Obrigada. (*Palmas.*)

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - Convido a Deputada Carmen Zanotto, que está representando neste ato a Deputada Laura Carneiro, para realizar a entrega do Diploma Mulher-Cidadã Carlota Pereira de Queirós 2018 à Sra. Juíza Renata Gil de Alcântara Videira, responsável pela organização do Prêmio AMAERJ Patrícia Acioli de Direitos Humanos, que já premiou diversas ações relativas aos direitos da mulher e questões de gênero. Atualmente ela é Presidente da AMAERJ — Associação dos Magistrados do Estado do Rio de Janeiro.

(*Procede-se à condecoração.*) (*Palmas.*)

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - Concedo a palavra à Sra. Renata Gil de Alcântara Videira.

**A SRA. RENATA GIL DE ALCÂNTARA VIDEIRA** - Muito bom dia a todos e a todas. Gostaria de cumprimentar a Deputada Ana Perugini, Presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher; a Deputada Benedita da Silva, do meu Estado; a Deputada Carmen Zanotto; a Deputada Keiko Ota; a Deputada Jandira Feghali, também uma brava guerreira do nosso Estado, o Rio de Janeiro; e a Sra. Andreza Colatto, Secretária Nacional de Políticas para Mulheres da Presidência da República.

Eu gostaria de dedicar esse prêmio, esse reconhecimento pelo nosso trabalho primeiramente a todas as mulheres que nos inspiram, aquelas que, desde muito cedo, já participando do movimento feminino, galgaram espaços na sociedade, como a própria Carlota, como primeira Prefeita brasileira e tantas outras que venceram importantes barreiras.

Lembro que até bem pouco tempo, até 1827, as mulheres não podiam estudar todas as matérias. Só com a Lei da Educação foi permitido que os Estados e as pequenas vilas criassem escolas para as meninas, se assim eles entendessem necessário. Nessas escolas, as meninas teriam que estudar principalmente as questões referentes à culinária, aos cuidados da casa, mas a matemática, não. Elas só poderiam estudar as quatro operações aritméticas; a geometria, nem pensar. Então, o nosso passado muito recente de vencer essas barreiras, essas etapas, dependeu muito da coragem dessas mulheres.

Ainda há um quadro de desigualdade feminina muito grande. No Parlamento, sabemos que as mulheres ainda estão chegando com lentidão. Apesar da taxa de renovação este ano ter sido de 51%, entendemos que ainda há um caminho largo pela frente.

No Judiciário, temos feito um trabalho muito importante de descobrir quais são os verdadeiros empecilhos para que essas mulheres galguem aos cargos de liderança no nosso poder. Não sabemos se é uma opção ainda feminina, em razão do cuidado com a família, dos filhos e de tudo que a posição feminina na família exige, ou se existem realmente barreiras internas dentro das estruturas do Poder Judiciário que impedem que essas mulheres alcancem todos os lugares que podem alcançar.

A minha história é diferente. Eu fui a primeira mulher a concorrer a uma eleição para Presidente da Associação do meu Estado. Até bem pouco atrás, a única mulher que havia pensado nessa hipótese sofreu tanto com essa iniciativa de pensar

em concorrer que teve um câncer e faleceu desse câncer. Então, eu me senti muito honrada quando tive a oportunidade, sozinha, uma juíza do interior, com toda a coragem de enfrentar aquele universo masculino no Rio de Janeiro, de concorrer à eleição. Fui a primeira a vencer, já estou no meu segundo mandato, e um dos meus compromissos dentro da magistratura é trabalhar pela questão da violência doméstica. Ainda há índices muito altos de violência contra a mulher. Esses índices estão crescendo, eles não regridem, apesar de toda a política feita.

Eu acompanho de perto o trabalho do Parlamento, como vocês são importantes, acompanho todos os debates que acontecem nesta Casa, toda legislação que tem sido produzida aqui dentro, e, apesar de todo esse esforço, ainda não conseguimos diminuir esses índices. Os índices de estupros também contra mulheres são altos. A cada 10 minutos, no Brasil, uma mulher é estuprada. Nós temos um compromisso dentro da magistratura de criar algum sistema que permita reduzir tudo isso.

Temos um trabalho muito importante também com as grávidas e lactantes do sistema penitenciário. Há uma decisão importante do Ministro Lewandowski que ainda não pôde ser cumprida efetivamente por conta da ineficiência do Poder Executivo nos diversos Estados brasileiros.

Em derradeiras palavras, agradeço muito. Eu só estou aqui em razão da profissão que abracei, que é a magistratura, é a profissão que me inspira, a profissão que me motiva. Por isso, dedico essa premiação também a todos os magistrados brasileiros, hoje na pessoa do meu Presidente Jayme de Oliveira, que está aqui presente, Presidente da Associação dos Magistrados Brasileiros.

A Deputada Laura Carneiro, que me indicou, é idealizadora desse prêmio e é uma aguerrida mulher brasileira. Eu acompanho o trabalho da Deputada aqui, e ela corre para lá e para cá para conseguirmos vencer as etapas. Então, dedico essa premiação a ela também.

Muito obrigada e bom dia. (*Palmas.*)

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - Eu vou passar agora a palavra às Deputadas que estão compondo a Mesa. Não há nenhuma lista de inscrição de Parlamentares para fazerem uso da fala.

Convido a Deputada Keiko Ota para fazer uso da tribuna.

**A SRA. KEIKO OTA** (PSB - SP. Sem revisão da oradora.) - Um bom dia bem grande a todos e a todas presentes nesta cerimônia. Quero aproveitar o momento para externar a minha admiração a todas as indicadas ao Diploma Mulher-Cidadã Carlota Pereira de Queirós 2018.

Hoje, em especial, me sinto extremamente feliz com o sentimento de dever cumprido ao encerrar essa Legislatura podendo indicar uma personalidade a esta importante premiação e, mais ainda, por saber que esta minha indicação também é conhecida por minhas colegas Parlamentares.

Há alguns anos tive a oportunidade de conhecer a Mônica Sousa, que por muito tempo fez parte da imaginação dos meus filhos como a Mônica dentucinha e sabichona, mas o seu pai, o ídolo Mauricio de Sousa, com certeza não a descreveu assim só por causa de uma personagem. Ela é mesmo sabichona. E hoje, não por acaso ou por causa de suas histórias nos quadrinhos, é reconhecida com esse diploma.

Sua sabedoria a direcionou a dedicar-se ao empoderamento das meninas de todo o Brasil, através da corajosa e topetuda Mônica, para que elas se reconheçam, respeitem-se, imponham-se e se amem, através do projeto social Donas da Rua. Como diz o *slogan* do projeto, *As meninas fortes de hoje serão as mulheres incríveis de amanhã.*

Como eu, a Mônica é uma entusiasta que acredita que o futuro do País está no nosso presente, nas nossas crianças e jovens, e que precisamos fazer algo hoje para que nossas meninas possam ser o que quiserem, sendo encorajadas, protegidas e protetoras.

Parabéns por esse lindo trabalho.

Obrigada por se engajar em ajudar o próximo, Mônica, e por todos os parceiros que você, o seu pai e o Mauricio de Sousa Produções se prontificaram em apoiar com inúmeros projetos sociais.

Parabéns, Mônica Sousa e Renata Gil, por todo bem que fazem.

Obrigada Marielle Franco e Alzira Soriano, por tudo que fizeram e pela força que vocês, de algum lugar, transmitem a todos nós.

Muito obrigada. (*Palmas.*)

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - Convido agora a Deputada Benedita da Silva para fazer o uso da palavra.

**A SRA. BENEDITA DA SILVA** (PT - RJ) - Cumprimento a Sra. Presidenta Ana Perugini, requerente e Presidente da Comissão de Defesa dos Direitos das Mulheres da Câmara dos Deputados. Cumprimentando-a, quero cumprimentar todos os demais que estão na Mesa, as senhoras e os senhores e dizer que hoje é um dia muito especial, porque aqui aquelas que receberam certificados são marcantes nas nossas vidas. Neste momento, com muita emoção, cumprimento especialmente a D. Marinete Franco e o seu esposo, Antônio Francisco, que também é da Silva, que são os pais de Marielle.

Quero falar neste momento sobre essa indicação, a qual fizemos com muito gosto, mas com muita dor. Marielle não apenas precisa ser lembrada, é preciso que haja justiça! E esse certificado demonstra que as mulheres que nos antecederam, que ocuparam o espaço político, foram sobretudo corajosas tal qual Marielle Franco, que nós acompanhamos e que eu tenho a honra de dizer que venceu todas as barreiras, porque sabemos das dificuldades que é para eleger uma mulher, principalmente uma mulher negra, da comunidade.

Então, ela tinha um valor, porque não só representava o interesse da cidade, mas representava também o interesse da comunidade e de nós mulheres, que precisamos, a cada dia, estar inspiradas nas ações que significam para nós o nosso grande momento de poder realmente inverter a história que nos impuseram enquanto mulheres trabalhadoras das comunidades, mulheres negras, mulheres mães de famílias, mulheres domésticas, mulheres que trabalham, que suam a sua roupa, a sua saia e a sua blusa, e que vão à luta para ter também uma oportunidade de uma universidade, tudo em função de ser melhor qualificada e capacitada para exercer aquela função que o povo da sua cidade concedeu.

Marielle sempre estará sendo homenageada, não porque mereça apenas ser homenageada, mas porque deixa um grande legado. Ela foi a terceira mulher negra na cidade do Rio de Janeiro a ser Vereadora. Isso é impressionante porque, podemos contar, a primeira mulher negra, a segunda mulher negra e a terceira mulher negra, todas elas eram oriundas da favela, todas elas negras, trabalhadoras e defensoras dos direitos humanos.

Por isso, Carlota tem em nós uma continuidade de perseverança, que se expressa no desejo grande de ver as mulheres não serem violentadas, as mulheres serem mais reconhecidas no seu trabalho, ocupando todos os espaços políticos, porque nós entendemos que o lugar da mulher é onde ela quiser ir e ficar.

Nós prestamos essa grande homenagem a essa grande guerreira Marielle. Com orgulho, nós a indicamos, quase uma bancada inteira, para dizer: Obrigada, Marielle!

Marielle vive em nossos corações.

Tudo que nós queremos aqui é justiça para Marielle Franco.

Obrigada. (*Palmas.*)

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - Com a palavra a Deputada Carmen Zanotto.

**A SRA. CARMEN ZANOTTO** (PPS - SC) - Quero saudar a nobre Deputada Ana Perugini, nossa Presidente da Comissão da Mulher e Presidente desta Sessão Solene de homenagens. Quero saudar as nobres Deputadas Benedita da Silva, Jandira Feghali e Keiko Ota. Justifico a ausência da nossa querida Deputada Laura Carneiro, que está em uma missão internacional. Saúdo a Andreza Colatto, nossa Secretária de Política para as Mulheres; os nossos convidados que estão aqui conosco, nas pessoas do nosso Ministro Marco Aurélio Buzzi, do Superior Tribunal de Justiça, do Ministro Jorge Mussi, que é o nosso Corregedor Geral de Justiça Eleitoral, aqui representado pelo Dr. Davidson Melo; o Dr. Gabriel Oliveira, que é Defensor Público-Geral; demais autoridades presentes; familiares da Sra. Alzira; familiares da Marielle Franco, querida homenageadas Renata Gil de Alcântara Videira, Mônica.

Mônica, permita-me não citar o seu sobrenome, porque para nós você é a Mônica da história em quadrinhos. (*Risos.*)

Saúdo, então, a nossa Mônica Spada e Sousa e, com muito carinho, com muito respeito, a Dra. Ana Cristina Ferro Blasi. Nesta semana em que temos pouco a comemorar nesta Casa — precisamos registrar —, marcamos os 16 dias de ativismo, uma luta permanente para a igualdade de gênero, uma luta permanente para que nenhuma mulher mais seja vítima de violência.

Precisamos, a cada momento, nos lembrar que, no dia de hoje, 13 mulheres morrerão por serem mulheres. Essa é a média. Essa é a nossa estatística. Se, ao fim de um ano, nós detonássemos uma cidade das nossas de Santa Catarina, das nossas autoridades que estão aqui convidadas, quanto drama nós teríamos no País?! A grande maioria das nossas cidades tem muito menos de 5 mil habitantes, e morrem, em média, 5 mil mulheres neste País.

A luta de algumas mulheres como as mulheres da magistratura brasileira, as mulheres do Tribunal Superior Eleitoral, as mulheres do Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina, que eu tenho a honra de ter indicado... Mas não foi só a Deputada Carmen que indicou a Dra. Ana Cristina. Foi o coletivo de mulheres do Estado de Santa Catarina, porque a

Dra. Ana Cristina, junto ao Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina, assumiu e divulgou a campanha *Elas podem. O Brasil precisa*.

Elas podem, e o Brasil precisa, sim, de ter mais assentos nesta Casa ocupados por mulheres, ter mais assentos nas Câmaras de Vereadores, nas Assembleias Legislativas, nos órgãos de comando dos Governos Federais, Estaduais e Municipais. Precisamos, sim, ocupar todos os espaços de poder.

Dou um exemplo da importância da ocupação desses espaços de poder. No dia de ontem, neste plenário, com todo tumulto natural da nossa Casa, das alterações da agenda, o coletivo de mulheres desta Casa, com o acordo do Colégio de Líderes e dos nobres pares, aprovou quatro projetos de lei: o Projeto de Lei nº 5.555, de 2013, que tipifica a exploração pública da intimidade sexual da mulher; o Projeto de Lei nº 10.269, de 2018, que estabelece a substituição da prisão preventiva por domiciliar da mulher gestante ou da que for mãe ou responsável por criança ou pessoa com deficiência e disciplina o regime de cumprimento de pena privativa de liberdade de condenada na mesma situação; o Projeto de Lei nº 3.030, de 2015, que aumenta a pena de homicídio no caso de descumprimento de medida protetiva; e o Projeto de Lei nº 5.001, de 2016, que possibilita que o agressor frequente o centro de recuperação e orientação psicológica, para que ele não venha mais a repetir essa agressão. Esses projetos são de autoria da nobre Deputada Keiko Ota e de outras colegas Deputadas e Deputados.

Precisamos e devemos continuar fazendo a diferença. E a diferença só será possível a partir do reconhecimento de mulheres como a Dra. Ana Cristina Ferro Blasi, que está aqui conosco, de cada uma das homenageadas e de todas que foram indicadas para esse concorrido prêmio.

A nossa Comissão da Mulher trabalhou arduamente para que cada uma de vocês estivesse aqui. Este é o nosso agradecimento às mulheres que nos deixaram, mas, com a sua partida, também deixaram o seu exemplo; às mulheres que estão aqui conosco sendo homenageadas, pelo exemplo permanente; e às jovens crianças que estão aqui, para que possam se espelhar e continuar essa luta no direito, na defesa e na conquista das mulheres.

Queremos um País mais justo e mais igualitário. E isso só será possível com a participação igualitária de homens e mulheres em todos os espaços de poder.

Muito obrigada, Dra. Ana Cristina.

Muito obrigada aos familiares de cada um dos nossos homenageados e das nossas homenageadas.

Muito obrigado ao Presidente e, em especial, à nossa Presidente da Comissão, a Deputada Ana Perugini. (*Palmas*.)

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - Obrigada, Deputada Carmen Zanotto.

Passo agora a palavra à Deputada Jandira Feghali.

**A SRA. JANDIRA FEGHALI** (PCdoB - RJ. Sem revisão da oradora.) - Quero cumprimentar a Deputada Ana Perugini, em nome de quem cumprimento todas as Parlamentares presentes.

Cumprimento também todas as pessoas que acorreram a esta sessão tão importante do Parlamento brasileiro e, principalmente, as homenageadas, todas as mulheres homenageadas.

Realço uma característica do Diploma Mulher-Cidadã Carlota Pereira de Queirós: este prêmio tem uma marca diferente de outros, porque tem a marca do pioneirismo — Carlota foi uma pioneira.

Esse prêmio escolhe em geral mulheres que têm a marca da inovação e do pioneirismo nas suas histórias, nas suas carreiras profissionais e na sua vida. É importante realçar essa característica do prêmio, porque são mulheres que marcam as diferenças nas suas histórias, que marcam a diferença na vida das pessoas e nas histórias de todas nós. Eu acho que essas mulheres homenageadas hoje, todas elas, têm exatamente essa marca na arte, na magistratura, na vida e na política.

Eu queria dizer de alegria, de um lado, e do sofrimento, de outro, porque fazer homenagem póstuma a Alzira Soriano é natural, mas fazer homenagem póstuma à jovem Marielle não é natural — não é natural, não é fácil e é muito doloroso.

D. Marinete, vê-la falar nesta tribuna, com esse sorriso, é fenomenal, porque mostra a sua altivez, a sua coragem e a marca que tem trazido a luta de vocês nesse período todo. Eu sei que não é fácil vir a esta tribuna da Câmara dos Deputados falar, porque não é um discurso pronto, não é um discurso arrumado, é o que vem do coração, e vem do coração o que marca a história de Marielle. Ao mesmo tempo, quero dizer que é uma satisfação saber que contar a história de Marielle é estimular outras mulheres, jovens, negras e lutadoras a continuarem a sua batalha. E a senhora sai desta tribuna com um sorriso. É muito importante dizer isso, porque é esse sorriso que nos estimula a continuarmos a batalha que Marielle desenvolveu, porque o sorriso de Marielle também era deste tamanho.

Agora, fazer uma homenagem póstuma a um jovem que sofreu uma barbaridade, um crime bárbaro — e, para nós, todas sabemos, foi um crime político —, nos desafia a desafiar as autoridades. Um momento de homenagem como este é desafiar

as autoridades a esclarecer esse crime, que até agora não está esclarecido. Nós queremos saber quem e por quê? A mando de quem e por quê? Por mais que nós tentemos entender ou tentemos fazer as teses da motivação, é fundamental que se saiba por quê. Nós sabemos que queriam dar alguma repercussão ao crime, mas acho que não esperavam o tamanho da repercussão. A repercussão foi no mundo inteiro, e nós precisamos saber por quê.

O desafio para nós está dado. É um desafio num cenário difícil do Brasil. Sabemos que enfrentaremos um cenário mais difícil ainda, e estamos desafiados a defender a liberdade, a diversidade, a democracia com seus direitos. Esse é o tripé do desafio que nós temos hoje a defender, tudo isso, particularmente a Constituição brasileira, que comemora 30 anos. Não se trata apenas de uma defesa por parte da Esquerda brasileira; tem que ser de todas as brasileiras e de todos os brasileiros que apoiam este tripé da liberdade, da democracia e da diversidade dos direitos.

Esse é o nosso desafio. E eu acho que homenagear vocês, que falam da arte, da magistratura, da história política, da violência, dos crimes políticos e de uma mulher como Marielle é mostrar que o nosso desafio é imenso e que nós precisamos fazer isso tudo juntas.

É por isso que nós gritamos "*Marielle presente, hoje e sempre*", porque isso significa continuar defendendo todos os pilares da democracia brasileira.

Então, D. Marinete, sinte-se acolhida, porque nós sabemos que a sua luta é a nossa batalha.

Parabéns a todas as homenageadas!

Parabéns a todos os defensores da democracia brasileira!

Parabéns às mulheres brasileiras que ousam, que marcam a diferença, que são pioneiras e que vão continuar marcando todos os passos pioneiros, inovadores, diversos da democracia e da liberdade!

Parabéns, Ana!

Parabéns a todos!

Obrigada. (*Palmas.*)

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - A Deputada Erika Kokay já se faz presente à mesa. S.Exa. é também autora do requerimento.

Eu pergunto à Deputada Luiza Erundina se gostaria de nos dar a honra de compor a Mesa conosco. (*Palmas.*)

**A SRA. LUIZA ERUNDINA** (PSOL - SP. Sem revisão da oradora.) - Companheiras Parlamentares, companheiros e companheiras, mulheres homenageadas no dia de hoje, meus cumprimentos. Também saúdo os nossos visitantes, as nossas visitantes, e me somo às companheiras Parlamentares que apresentaram esses nomes para que pudéssemos homenagear, numa data em que se celebra uma outra mulher, que viveu muitos tempos atrás, mas cuja memória, cuja experiência de vida, cujo exemplo de luta se reproduzem ao longo das décadas, dos anos, dos séculos certamente, através dessas companheiras que estão sendo homenageadas no dia de hoje.

Eu quero me somar a essas homenagens e agradecer pela lição de vida que essas mulheres nos dão.

A razão de estarem aqui recebendo esta homenagem do Parlamento brasileiro, da Câmara dos Deputados, representada neste momento por mulheres também generosas, corajosas, competentes, como estas que agora estão na Mesa e que tomaram a iniciativa de homenagear essas outras mulheres, é motivo de esperança e de certeza mesmo com a realidade que vive o País hoje. Aliás, esta Casa tem uma grande dose de responsabilidade pelos desacertos e pelos problemas que enfrentamos, mas, com certeza, com a presença da bancada feminina, e principalmente com essas companheiras que estão presidindo a Mesa e que estão nos representando nessas homenagens, teremos delas, nesta Casa e na sociedade, uma ação corajosa, uma ação competente e uma ação decisiva para que se evitem outros tropeços que o nosso País vem sofrendo, particularmente ao longo desses 2 ou 3 anos.

Por isso, é necessário que, no ano de 2019, nós mulheres e homens comprometidos com a democracia, com a civilização e com as conquistas democráticas do povo brasileiro estejamos, todas e todos, juntos para que possamos assegurar às futuras gerações uma Nação mais livre, mais libertária, mais democrática, mais igualitária, mais justa.

Este ato é uma oportunidade para reiterarmos os nossos compromissos com esses ideais, com essas causas, no momento em que outras mulheres — também generosas, corajosas e determinadas na luta — estão sendo homenageadas na sua Casa, na Casa do Povo, que é a Câmara dos Deputados.

Obrigada, portanto, às minhas companheiras Parlamentares pela presença nesta sessão solene.

Quero agradeço também às homenageadas por aquilo que são, na pessoa da querida Marinete e do companheiro Antônio, os pais da inesquecível Marielle, membro da nossa bancada e que deixou um vazio enorme não só para o PSOL, não

só para as mulheres, mas para a Nação inteira, porque, sem dúvida nenhuma, ela somava todas aquelas características e razões pelas quais se dedicou, deu a sua juventude, deu a sua integridade física, deu aquilo que ela tinha de melhor e de maior, que era sua vida.

Obrigada, Marinete, obrigada, Antônio, pela Marielle, por terem nos dado Marielle, que estará sempre conosco nos animando, nos alentando, nos ensinando a ser aquilo que ela foi num tempo tão curto de vida, mas suficiente para que nós a tenhamos na nossa memória, no nosso coração e na nossa luta, todos os dias da nossa vida.

Muito obrigada. *(Palmas.)*

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - Com a palavra a Secretária Nacional de Políticas para Mulheres, Andreza Colatto.

**A SRA. ANDREZA COLATTO** - Bom dia a todas e a todos aqui presentes.

Eu cumprimento a Mesa, na pessoa da Deputada Ana Perugini; a Deputada Benedita da Silva; a minha querida conterrânea, a Deputada Carmen Zanotto; a Deputada Keiko Ota; a Deputada Jandira Feghali; e todas e todos aqui presentes por este importante momento.

Sinto-me honrada por aqui estar neste momento tão importante do empoderamento feminino e, ao mesmo tempo, num momento importante de enfrentamento à violência. Este evento compõe também os 16 dias de enfrentamento à violência contra mulher, uma data mundial que precisa ser vista e engrandecida em suas ações.

Eu aproveito também para parabenizar as Deputadas pelas votações de ontem e pela grande mobilização a favor dos projetos de lei já mencionados pela Deputada Carmen Zanotto. Essas propostas aumentaram as penas dos atos de violência contra a mulher, aumentaram as penas para os crimes de feminicídio. Por mais que exista hoje a Lei Maria da Penha, que é uma lei que ultrapassa as fronteiras brasileiras e que se tornou um exemplo no mundo inteiro, o número crescente de feminicídio nos assusta e toma níveis epidêmicos.

Agradeço também pelas emendas destacadas, neste ano, para a Secretária Nacional de Políticas para Mulheres. Agradeço especialmente à bancada de Minas, na pessoa do Deputado Fábio Ramalho, pela emenda de 10 milhões de reais, que será revertida para a construção da Casa da Mulher Brasileira em Minas Gerais.

Este momento, senhoras e senhores, é crucial para o Brasil e para o mundo. É um momento em que vemos a voz das mulheres na sociedade sendo posta inclusive à prova, em que vemos mulheres que representam os direitos das mulheres sendo tolhidas inclusive das suas vidas.

Eu sou catarinense e também parabenizo a Dra. Ana Cristina, no Judiciário, que hoje compõe fortemente a nossa rede de enfrentamento à violência contra a mulher. Eu dirijo também o Ligue 180, que hoje é o nosso principal instrumento de acolhida dessas mulheres. Por meio dele, as mulheres colocam a sua voz e denunciam os crimes. Lá também aprendem que a violência contra a mulher não é apenas a violência física, que deixa marcas no corpo, mas também a violência psicológica, a violência moral, a violência patrimonial. Isso é um importante avanço.

Precisamos hoje que a sociedade avance, entendendo que ela também faz parte dessa luta pelo fim do ciclo da violência. As mulheres precisam ter voz. Nós lançamos ontem também o Plano Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres e o Sistema Nacional de Políticas para as Mulheres, que buscam o planejamento de ações em todos os níveis de Governo, para que possamos ter uma regra que ajuste os sistemas que funcionam, inclusive no Judiciário e na administração pública, em todo o País.

Eu homenageio aqui, também, a Mônica, porque na figura dela está a importância das ações da sociedade, das pequenas ações. Fui uma menina que cresceu lendo os gibis da Mônica, no interior de Santa Catarina. Naquela época, não existia Internet nem outros meios. Então, eu me lembro das minhas amigas conversando, lendo gibis, e dizíamos: "*Se a Mônica pode, eu também posso*".

Isso mostra que pequenas ações na sociedade, nas famílias, na educação fazem toda a diferença na nossa cultura. Eu acredito que é à cultura e à educação que precisamos dar o nosso maior apoio, Sras. Deputadas, para que o enfrentamento à violência mostre a sua força.

Agradeço e peço o especial apoio de todas as mulheres. Mostrem, senhoras e meninas que estão aqui, que temos direitos, que temos que pôr a nossa voz no mundo. Nós não queremos nada a mais do que igualdade, porque a igualdade entre as mulheres e os homens é um direito humano.

Muito obrigada. *(Palmas.)*

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - Com a palavra a Deputada Erika Kokay.

**A SRA. ERIKA KOKAY** (PT - DF. Sem revisão da oradora.) - Nós estamos aqui homenageando mulheres, mulheres que são de vários lugares, mulheres que falam de muitos cantos deste País, mulheres que têm atividades diferentes nas suas vidas, mas que guardam uma unidade na defesa do direito de outras mulheres.

A partir do seu trabalho, a partir das suas histórias, das suas vidas, guardam este compromisso, para que se possa construir uma sociedade onde não haja dor em ser mulher — onde não haja dor em ser mulher —, uma sociedade onde as mulheres possam viver plenamente uma humanidade que se reconhece na liberdade e se reconhece na condição de sujeito, que se reconhece na alteridade e na afetividade.

Portanto, estamos aqui homenageando mulheres que, a partir das suas atividades e das suas vidas, desenvolvem o compromisso de romper uma desumanização simbólica que nos atinge.

Não podemos ser donas dos nossos corpos, e nós lutamos todos os dias para que os nossos corpos sejam nossos. Estimamos que no nosso País tenhamos por volta de 500 mil estupros todos os anos, e só 10% deles são notificados. A taxa de feminicídios no Brasil é a quinta maior do mundo. Na Câmara Federal do nosso País há menos mulheres do que nos países onde elas usam burcas, mostrando que temos aqui nossas burcas e mordanças invisibilizadas. Aqui, estamos homenageando mulheres que mostraram que há burcas e mordanças. Ao dar visibilidade às burcas e às mordanças, construíram e fizeram das suas vidas um espaço para que pudéssemos enfrentar toda tentativa de silenciamento, toda tentativa de desumanização simbólica, que vai sempre preceder uma desumanização literal.

Este prêmio é concedido durante os 16 dias, no mundo inteiro, de ativismo e de enfrentamento à violência contra as mulheres. Por isso, nós estamos aqui homenageando cada uma de vocês, lembrando de duas mulheres.

Uma delas foi a Alzira, a primeira mulher neste País a ocupar um cargo no Executivo. Ela foi Prefeita de uma cidade no Rio Grande do Norte.

A outra foi a Marielle Franco. Quando homenageamos a Marielle Franco, estamos dizendo que as ideias são imunes às balas e que a Marielle guarda um espaço em todas as nossas vidas. Marielle está todos os dias surgindo, como se fosse uma semente. Todas as vezes em que vemos uma mulher negra ousar sorrir e dizer que o seu riso é mais importante do que suas lágrimas e todas as vezes em que vemos uma mulher ocupar espaços que uma sociedade sexista quer que sejam ocupados apenas por homens brancos no verdadeiro pacto de cartolas, de bengalas e de casacas, vemos que Marielle está viva. Marielle está em cada um de nós.

Diz Guimarães Rosa que há pessoas que não vão embora, elas se encantam, ficam encantadas. E diz Drummond que a saudade não é homenagem à ausência, mas é a presença, porque nos lembra de como vamos caminhando a partir dos exemplos de pessoas como Marielle Franco.

Quando pedimos justiça para Marielle é porque queremos justiça para este País. E não haverá justiça neste País enquanto não tivermos identificados aqueles que exterminaram Marielle sem enredos e de forma ousada, como o fascismo, que se sente tão ousado no dia de hoje. O fascismo quer amordaçar as escolas e acha que pode submeter as políticas públicas a uma lógica misógina, a uma lógica LGBTfóbica e a uma lógica que nega a essência básica da própria democracia.

Por isso, eu diria que há pessoas que fazem certo pacto com a imortalidade, porque vão estar presentes em toda pessoa que ousar dizer que lugar de mulher é onde ela quiser e em toda pessoa que ousar assumir os microfones e as canetas, sendo mulher e sendo negra. E nós vamos dizer: *"Ah, moço, vocês nunca vão conseguir destruir Marielle Franco!"* Ela está em cada ato de ousadia, em cada ato de liberdade, em cada ato que se inquieta com uma estrutura e com uma ordem que nos quer caladas e que nos quer dominadas.

Portanto, a nossa alegria é muito grande em poder agradecer ao pai e à mãe de Marielle pela oportunidade que deram a este Brasil de ter uma Parlamentar como ela, pela oportunidade que deram ao Brasil de aprender que Marielle é semente, para dizer que nós não vamos aceitar a exumação, o retorno de uma ditadura. Este Brasil precisa fazer o luto dela. Ditadura, nunca mais! Marielle Franco, sempre nas nossas vidas!

Lembro Guimarães e Rubem Alves, nos pactos com a imortalidade, no encantamento de quem fica dentro de nós e de quem está dentro de nós eternamente, porque aprendemos a valorizar a vida, aprendemos com os seus ensinamentos, com a sua coragem e com sua ousadia. Essa coragem é que carrega as mulheres. As mulheres carregam uma profunda coragem. E todas as vezes em que se colocam em movimento movimentam o conjunto da sociedade. Todas as vezes em que uma mulher diz que essa sociedade tem que ter equidade de gênero e de direitos e que aquilo que está na Declaração Universal dos Direitos Humanos — todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos — deve ser obedecido, ela movimentam o conjunto da sociedade.

Em nome da liberdade, em nome da democracia e em nome dos direitos é que dizemos: *"Justiça para Marielle Franco!"* Nós dizemos: *"Marielle, presente!"*

Eu queria me calar com a construção coletiva de um único grito: Marielle, presente!

Marielle Franco...

*(Manifestação dos convidados: Presente!)*

*(Palmas prolongadas.)*

**A SRA. PRESIDENTE** (Ana Perugini. PT - SP) - Eu quero agradecer aos alunos do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio do Colégio Marista de Uberaba, Minas Gerais, que também estão nos acompanhando.

Quero agradecer ao Sr. Marco Aurélio Buzzi, Ministro do Superior Tribunal de Justiça; ao Sr. Surasak Suparat, Embaixador da Tailândia; ao Sr. Davidson Jahn Mello, representante do Ministro Jorge Mussi; à Sra. Irene Camargo Oliveira, representante da Governadora; à Sra. Tânia Mara Ribas, representante do Governo do Paraná; e ao Sr. Gabriel Faria Oliveira, Defensor Público.

Agradeço também, mais uma vez, às Deputadas Benedita da Silva; Zenaide Maia, que já se ausentou em virtude de viagem; Carmen Zanotto, que está ao meu lado; Keiko Ota; Jandira Feghali; Luiza Erundina, do meu Estado de São Paulo; e Erika Kokay. Por fim, agradeço ainda à Sra. Andreza Colatto, Secretária Nacional de Políticas para Mulheres.

Quero dizer a todas as Deputadas que estiveram conosco e também às que não estiveram presentes, mas que no dia a dia trabalham conosco, que eu tenho um grande orgulho da bancada feminina da nossa Câmara Federal. Cada uma de nós tem uma singularidade, mas todas nós estamos absolutamente empenhadas na defesa dos direitos das mulheres e na luta pela igualdade entre homens e mulheres e pela igualdade de gêneros no nosso País.

Houve uma inversão em virtude do tempo, mas nós vamos terminar rigorosamente no horário marcado. Depois, seremos agraciadas pela música *Mulheres Negras*, que eu já tive a oportunidade de ouvir na abertura da Campanha dos 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres, no dia 20 de novembro, na tribuna da mulher, numa audiência pública que tivemos e que contou inclusive com a participação da Deputada Benedita da Silva.

Eu gostaria de fazer um pronunciamento, mas aqui não para de chegar papel para não esquecermos de alguma coisa e acabamos por não conseguir nos concentrar. Eu contesto a lógica de que nós mulheres pensamos uma série de coisas ao mesmo tempo. Eu, por exemplo, sou muito focada.

O Diploma Mulher-Cidadã Carlota Pereira de Queirós faz parte da atividade do Congresso Nacional na Campanha Mundial dos 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres. Essa campanha foi implantada em nosso País em 2003, mas já estava implantada no mundo desde 1991. Trata-se de uma homenagem a mulheres que tenham contribuído para o pleno exercício da cidadania, na defesa dos direitos da mulher e das questões de gênero.

Hoje reverenciamos Carlota de Queirós, médica, escritora, historiadora e pedagoga, uma mulher brasileira que foi eleita Deputada Federal no nosso País em 1934. Não podemos fechar os olhos para isso, Deputada Erundina. Estamos falando de uma mulher Deputada no cenário de 1934. Não estamos falando de 2018. Nesta legislatura, foram eleitas 51 mulheres. Depois, com o número de mulheres que foram eleitas Prefeitas, como é o caso da Moema Gramacho, enfim passamos para 54. E para a próxima legislatura, a 56ª Legislatura, nós temos 77 mulheres eleitas. Mas enxergamos a dificuldade de sermos mulheres hoje aqui. Comentamos entre nós que estamos num mar de homens. Imaginem uma mulher, uma única mulher, entre Parlamentares aqui?!

Carlota participou ativamente dos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte, em 1934 e 1935. Ela se dedicou à defesa das mulheres e das crianças, em especial lutando pela ampliação do acesso das mulheres à educação. Hoje, graças ao empenho de visionárias como Carlota, nós mulheres somos as que mais estudam no nosso País. No entanto, de acordo com dados do IBGE, ainda recebemos os menores salários, nos mesmos cargos e com a mesma escolaridade.

Nesta quinta-feira, 29 de novembro de 2018, data especial para a Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher e também para a Câmara dos Deputados, um momento em que largamos a espada e pegamos a rosa — eu acredito que sempre carregamos a rosa e a espada juntas —, para homenagear mulheres que, com coragem, empenho e talento, mostram que podemos mudar a nossa sociedade. Somos, na maioria, lutadoras resilientes e preocupadas com o bem-estar das pessoas. Nesta edição, fizemos a entrega do Diploma Mulher-Cidadã Carlota Pereira de Queirós a Ana Cristina Ferro Blasi, Juíza do Tribunal Regional Eleitoral do Estado de Santa Catarina. A Dra. Ana Cristina é responsável pela campanha *Mulheres na Política - Elas podem. O País precisa*. Com iniciativas como essa, a Juíza do Tribunal Regional Eleitoral catarinense tem estimulado a participação de mulheres na política.

Como advogada e funcionária licenciada do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, também é um privilégio para mim poder prestar esta homenagem à Juíza Renata Gil de Alcântara Videira, primeira mulher a presidir a Associação dos Magistrados do Estado do Rio de Janeiro — AMAERJ. A Dra. Renata é responsável pela organização do Prêmio AMAERJ

Patrícia Acioli de Direitos Humanos, que já premiou diversas ações relativas aos direitos da mulher. A magistrada é o ícone de uma realidade ancorada no machismo, que rege o nosso País. Uma cultura que discrimina a mulher impede sua ascensão profissional, inibe sua participação política, submete-a a todas as formas de violência e, muitas vezes, nega a ela direitos humanos fundamentais. Eu tenho afirmado e continuo afirmando que o estereótipo da competência é masculina, e precisamos desmistificar isso. O próprio terno preto e a gravata vermelha, que imperam no cenário brasileiro como a vestimenta da competência, precisam ser desmistificados.

Esses direitos humanos têm se mantido vivos nos corações dos nossos jovens, graças à Mônica Spada e Souza, Diretora-Executiva da Mauricio de Sousa Produções e responsável pelo Projeto Donas da Rua, que tem ajudado meninas do Brasil a exercitarem seu direito de serem o que quiserem.

Senhoras e senhores, deixo meu abraço fraterno aos familiares de Alzira Soriano Teixeira, ex-Prefeita de Lajes, Rio Grande do Norte. Ela foi a primeira mulher eleita para um cargo executivo em nosso País em 1928. Em 2016, elegemos 649 Prefeitas nos 5.568 Municípios brasileiros. Ocupamos menos de 12% das Prefeituras brasileiras. Ainda é pouco, mas essa conquista se deve à coragem e à competência de nossa primeira Prefeita. A Deputada Luiza Erundina é uma Prefeita reconhecida, não só na cidade de São Paulo, mas no Estado de São Paulo, pela sua competência. Nesta Casa, ainda somos poucas, em questão de representatividade. Somos pouco mais de 10% dos 513 Parlamentares, ocupando a 156ª posição no *ranking* de participação política em 190 países, mas somos determinadas e sensíveis às necessidades do nosso povo. No entanto, temos lutado para que esta Casa de Leis trabalhe no sentido de melhorar a legislação referente aos direitos das mulheres, principalmente o direito de viver sem violência, aprimorando a Lei Maria da Penha, uma das melhores legislações no combate à violência doméstica do mundo.

Na sessão de ontem, inclusive, aqui neste Plenário Ulysses Guimarães, conseguimos avanços importantes no combate à violência contra as mulheres como marco dos 16 dias de ativismo, celebrado no Brasil há 15 anos. Aprovamos os projetos mencionados pela Deputada Carmen Zanotto, foram quatro projetos, que vão contribuir para que possamos diminuir a triste estatística que nos coloca na condição de 5º país mais violento contra as mulheres.

Essa violência nos privou da companhia de Marielle Franco, mulher negra, mãe, filha da Favela da Maré, no Rio de Janeiro, socióloga, mestre em administração pública, feminista, defensora dos direitos humanos, Vereadora eleita para representar o povo mais pobre e as minorias do Rio de Janeiro e que não se esqueceu por 1 minuto sequer do seu papel no Parlamento.

Marielle e o motorista Anderson Gomes foram assassinados a tiros na noite de 14 de março, na região central do Rio. Hoje, completam-se 8 meses e 15 dias, e a polícia ainda não sabe quem assassinou Marielle. Mas nós sabemos o que a matou. Ela foi morta pelo preconceito, pelo machismo, pelo sexismo, pelo racismo, pela intolerância e pela sede incontrolável de poder. Mais do que identificar, prender e julgar os assassinos de Marielle, precisamos combater esses sentimentos de ódio tão nocivos à sociedade.

Sr. Antônio e D. Marinete, pai e mãe de Marielle, e todos os familiares e amigos que não puderam participar hoje deste ato, mas estão nos acompanhando em várias partes do Brasil e do mundo, Marielle está em cada uma de nós, Marielle está aqui. Estamos e estaremos juntas em busca da verdade e da disseminação de valores que Marielle também plantou e que temos a certeza de que estão vivos nos corações de cada brasileiro e de cada brasileira.

Mais uma vez, quero dizer que é um presente estar com cada um de vocês nesta sessão solene, em que as homenageadas nos ensinam que a batalha por nossos direitos, os direitos das mulheres, deve ser travada em todas as esferas da sociedade. Ela pode e deve se tornar uma bandeira de todos os brasileiros e brasileiras.

Ana Cristina, Mônica, Renata e familiares de Alzira e Marielle, recebam, portanto, o reconhecimento da Câmara dos Deputados, da Casa do Povo brasileiro, do Congresso Nacional, em virtude dos serviços prestados à Nação brasileira em benefício da cidadania, dos valores democráticos e dos direitos humanos das mulheres.

Eu comentava com a Deputada Benedita da Silva o quanto ainda há por se fazer e o quanto estamos desvendando, dia após dia, aqui na Câmara dos Deputados e Deputadas.

Ontem, ao final de um seminário que durou 2 dias, onde tratamos da Lei da Guarda Compartilhada, cuja abordagem sobre alienação parental foi muito intensa, comentamos o quanto nós temos ainda a fazer e o quanto há de injustiça caminhando em nosso País. A luta não pode terminar. A democracia precisa ser vigiada eternamente.

A Deputada Carmen Zanotto está pedindo para justificar a ausência da Deputada Soraya Santos, Coordenadora da Secretaria das Mulheres. Está justificada a ausência. A Deputada Soraya tem muito trabalho, com toda a certeza.

Para encerrar nossa sessão, já agradecendo a presença de cada uma de vocês que estiveram conosco até agora, tem a palavra a nossa cantora Marina Andrade, para que faça a interpretação da música *Mulheres Negras Movem o País*.

Muito obrigada a todos. (*Palmas.*)

*(Apresentação artística.)*